



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Identidade, comunidade e o sonho americano

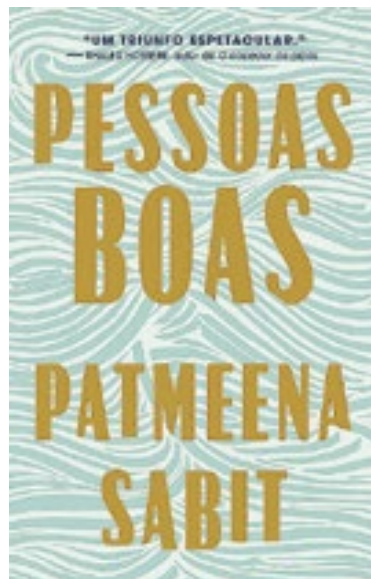
Pessoas boas (Editora Intrínseca, 416 pág, R\$ 79,90, tradução de Débora Landsberg) é o grande romance de estreia de Patmeena Sabit, nascida em Cabul, refugiada com a família no Paquistão e depois radicada em Virgínia, nos Estados Unidos, onde cresceu. Hoje mora em Toronto, Canadá e seu trabalho foi considerado pelo The Guardian como o livro imperdível de 2026 e elogiado por Khaled Hosseini, autor de *O caçador de pipas*, como um triunfo espetacular.

Escrito em camadas, com inúmeras vozes, o romance trata da trajetória da família Sharaf, cujos integrantes chegaram nos Estados Unidos como refugiados, apenas com a roupa do corpo. Depois de anos de trabalho eles se tornaram prósperos, ricos, felizes, o retrato do sucesso. Tinham realizado o *american dream*, viviam em uma mansão em bairro exclusivo e os quatro

filhos frequentavam as escolas mais prestigiadas do país.

Tudo até ocorrer uma tragédia inimaginável que os deixou atordoados e subjugados à dura opinião pública. A filha mais velha foi encontrada morta. Acidente? Os boatos diziam que o lar dos Sharaf não era tão perfeito e fragmentos de fofocas expuseram as rachaduras da família que vivia numa comunidade imigrante. Teriam os Sharaf realmente conquistado o sonho americano? Ou será que a imagem da família modelo era apenas uma fachada? Jornalistas, colegas, advogados, vizinhos, investigadores e membros da comunidade esmiúçam os últimos anos da jovem morta e a vida privada da família.

Depoimentos breves, fragmentados e atravessados por interesses pessoais, ressentimentos e preconceitos, além de lembranças incompletas,



mostram questões de comunidade, identidade e os limites do sonho americano. Esse romance afegão mostra como a imagem da família trabalhadora e próspera, diante da suspeita, passa a ser tratada como estrangeira, com sua intimidade julgada por todos.

A narrativa é, sem dúvida, uma investigação literária original e o leitor vai, nesse caleidoscópio, reconsiderando o que leu na página anterior.

e palavras...

PALAVRAS E PENSAMENTOS NO SILÊNCIO DA PLANÍCIE

Sim, durante décadas eu fui magistrado no Tribunal, onde cheguei por notório saber jurídico e notáveis indicações políticas, sem as quais ninguém chega lá. Há alguns anos, pela aplicação da aposentadoria 'expulsória', eu tive que voltar para a 'planície', de onde talvez nunca deveria ter saído. Teria sido mais feliz, mais inteiro? Tarde para saber, o resto são essas palavras, pensamentos e lembranças envoltos nesses silêncios ora confortáveis ora perturbadores. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, está lá na Bíblia, no sábio Eclesiastes - leia que é bom.

No meu caso, a planície é composta pelas areias em frente à casa colonial que foi construída por minha família há noventa e quatro anos na beira dessa praia onde fico contemplando, por horas e horas, os azuis do céu e do mar, os dourados do sol, os prateados da lua e das estrelas e os verdes dos coqueiros e da vegetação das dunas.

Tanta leitura, tanto positivismo jurídico, tanto direito natural, tantas teses, doutrinas, decisões, interpretações e adaptações às situações dos governos, da sociedade, das pessoas e do país e não muitas prisões, que a corte sempre privilegiou a governabilidade, a democracia e a autoridade do momento e a paz social possível.

Justiça é dar a cada um o que é seu. No meu tempo o palavreado jurídiquês já era complicado, mas não tanto, e entre aplicar a lei e dizer o que a lei realmente

queria dizer ou o que não dizia, as coisas iam acontecendo, mas com mais elegância, ética e liturgia. Agora esse pós-modernismo geral enlouquecido sem regras duráveis e esse vale-tudo global, com preciosismos verbais e doutrinários tantas vezes ridículos, jogos de linguagem e contorcionismos infinitos, politicamente correto imperando e essa moral elástica estão aí, e então eu me sinto feliz de estar fora do ambiente midiático televisivo e das confusões egoicas e narcisistas.

Não nasci para ser *popstar* e dar entrevistas diárias sobre tudo, como se fosse especialista em generalidades. Eu falava nos autos, poucas fotos me tiravam, noitadas eram poucas e discretas e nada de ficar falando em decisões e processos ainda em andamento, prejudgando o futuro. Silêncios eloquentes, palavras de prata, silêncios de ouro, máximo respeito ao que estava nos livrinhos e no livrão magno e pouca pirotecnia e 'direito alternativo'. Assim foi, assim fui.

Desde que o mundo é mundo tem gente com traje religioso, uniformes militares, homens de toga, gente bem vestida, pessoas com roupas simples e milhões de molambentos. Há quem diga que não se deve brigar com homem de saia. Será? Desde sempre teve guerra, paz, vaidade, guerreiros e santos, gente da paz e do canhão. Hoje muitos querem ser homodeus, ter a palavra e o grito definitivos e dar o tiro final no inimigo, ainda que o inimigo seja ele próprio.

lançamentos



► **Rastros da Terra Natal – Jaguarão** (Evangraf, 176 pág), organizado e apresentado por Maria Ignez Franco Santos e Eduardo Alvares de Souza Soares, com orelhas de Miguel da Costa Franco e Véra Lucia Maciel Barroso, é uma bela e rica coletânea de crônicas do saudoso e consagrado Procurador de Justiça, cronista e historiador Sérgio da Costa Franco sobre sua terra natal, suas raízes e temas correlatos. Disse Iberê Camargo: ninguém esquece o local onde viu pela primeira vez a luz do sol.



► **Evolução humana** (L&PM Editores, 64 pág, R\$ 74,90), de Jean-Baptiste de Panafieu, cientista, escritor e professor e Éliabeth Holleville, escritora, ilustradora e quadrinista, é uma fantástica *graphic novel* científica, em cores, acessível e fascinante, com textos e quadrinhos sobre a incrível história de 23 milhões de anos dos hominídeos sobre o planeta Terra, a partir da visão bem-humorada de dois cientistas fictícios.



► **Ignis lacrimosa** (Editora Rocco, 528 pág, R\$ 89,90), caudaloso romance de Helena Lopes, roraimense radicada na Inglaterra, narra a movimentada trajetória da princesa bruxa Zália, que vai casar, para ajudar seu povo, com Astero, comandante alquímico conhecido como o assassino de bruxos. Ele não é o homem hostil que ela imaginava. Ela terá que decidir entregar-se a ele ou a queimar o mundo para vingar o que perdeu.

a propósito

Aqui da planície das areias do tempo que parecem areias de uma ampulheta eterna, me sinto um soldado desarmado ou um professor 'tucano' em uma sala vazia. Ainda mando umas orações, uns pensamentos e uns recados para os que ainda detêm as canetas do poder, para os que acham que vão mandar para sempre, que não vão morrer jamais e que, ao in-

vés de se sentirem presentes de Deus para a humanidade, acham que suas vidas e atos é que são tesouros que eles, magnânimos, oferecem para Deus, que deve agradecê-los sempre e muito pela generosidade. Ouvindo a canção do eterno retorno das ondas, rezo pelo melhor e tomo água de coco, que jamais me fará mal ou me envenenará. (Jaime Cimenti)